



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR**

Elinara Sousa da Silva

**UMA REFLEXÃO SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, ESTUPRO, EXPLORAÇÃO
SEXUAL E PROSTITUIÇÃO EM *RIBANCEIRA*, DE DALCÍDIO JURANDIR**

Altamira, PA
2025

**UMA REFLEXÃO SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, ESTUPRO, EXPLORAÇÃO
SEXUAL E PROSTITUIÇÃO EM *RIBANCEIRA*, DE DALCÍDIO JURANDIR**

Trabalho de Conclusão de Curso, realizado no formato artigo, apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias
Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Odília Cardoso
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Augusto César Pinto Figueiredo
Universidade Federal do Pará

Altamira, PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- S586r SILVA, Elinara Sousa.
Uma reflexão sobre violência doméstica, estupro, exploração sexual e prostituição em Ribanceira, de Dalcídio Jurandir / Elinara Sousa SILVA, .
— 2025.
32 f.
- Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras - Língua Portuguesa, Altamira, 2025.
1. Dalcídio Jurandir. 2. Representação feminina. 3. Literatura. 4. Opressão. I. Título.

CDD 801.953

UMA REFLEXÃO SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, ESTUPRO, EXPLORAÇÃO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO EM *RIBANCEIRA*, DE DALCÍDIO JURANDIR*

Elinara Sousa da Silva
Fernando Farias (Orientador)

RESUMO: Este artigo trata de determinadas personagens femininas encontradas no romance *Ribanceira* (1978), de Dalcídio Jurandir. Neste contexto, o trabalho teve como objetivo investigar os temas da violência doméstica, exploração sexual, estupro e prostituição, que se enquadram no contexto de algumas personagens da obra. Para isso, o estudo se fundamentou em teorias contemporâneas sobre o gênero feminino e em críticas literárias à obra dalcidiana, buscando compreender a complexidade das relações de gênero e poder. Os dados obtidos revelam os dramas enfrentados pelas figuras femininas, destacando suas lutas e desafios. O texto literário se expõe como uma ferramenta poderosa para expor e denunciar situações de violência e opressão contra a mulher, refletindo não apenas a experiência feminina, mas também as normas sociais e culturais que perpetuam essa opressão. No romance, as personagens não são somente vítimas, mas se posicionam como agentes de transformação, que, apesar das adversidades, buscam autonomia e voz. Em suma, uma leitura crítica de *Ribanceira* possibilita inserir a obra nas discussões sobre gênero na Amazônia, além de contribuir para um entendimento mais amplo da literatura como espaço de reflexão e contestação das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; representação feminina; literatura; opressão.

ABSTRACT: This article examines certain female characters portrayed in the novel *Ribanceira* (1978) by Dalcídio Jurandir. In this context, the study aimed to investigate the themes of domestic violence, sexual exploitation, rape, and prostitution, as they relate to the experience of some of the novel's characters. To this end, the research was grounded in the contemporary theories on gender and in literary criticism of Dalcídio Jurandir's work, seeking to understand the complexity of gender and power relations. The data obtained reveal the struggles faced by the females characters, highlighting their battles and challenges. The literary text emerges as a powerful tool for exposing and denouncing situations of violence and oppression against women, reflecting not only the female experience but also the social and cultural norms that perpetuate such oppression. In the novel, the female characters are not merely victims, they also assert themselves as agent of transformation who, although the adversities they face, strive for autonomy and voice. In essence, a critical reading of *Ribanceira* allows the novel to be situated within broader discussions on gender in the Amazon region while also contributing to a deeper understanding of literature as a space for reflection and the contestation of social inequalities.

Keywords: Dalcídio Jurandir; female representation; literature; oppression.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dalcídio Jurandir foi um escritor brasileiro paraense nascido em 1909, em Ponta de Pedras, localidade presente na Ilha do Marajó, estado do Pará. Em suas atividades destacam-se as atividades de romancista, cronista, crítico literário, repórter, ensaísta, entre outras atividades pertencentes ao ramo intelectual brasileiro. Devido aos excelentes trabalhos realizados durante

* Artigo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português), da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir – UFPA/Altamira. Examinadores: Prof. Doutor Fernando Jorge dos Santos Farias (UFPA/Altamira, Orientador); Prof.^a Doutora Odília Cardoso (examinador 1); Prof. Doutor Augusto César Pinto Figueiredo (examinador 2). Data e horário da apresentação: 23/05/2025, às 19h. (Campus Altamira).

seu percurso de vida, o escritor já foi intitulado e ganhador de algumas premiações e homenagens como ter seu nome intitulando praças públicas, condomínios, escolas e faculdades.

Suas obras abordam a vida no norte do Brasil, sobretudo no estado do Pará, em que retratam temas como conflitos sociais, desigualdades, a natureza, a cultura local e as relações humanas do homem pertencente a região Amazônica. Dalcídio escreveu dez romances que juntos compõem o chamado Ciclo do Extremo Norte. São eles: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978).

Nas obras supracitadas, a figura masculina figura em muitos planos como protagonista, ganhando destaque em várias temáticas retratadas pelo autor. Em outra perspectiva, é possível dizer que as personagens femininas também contribuem de forma significativa para o desenvolvimento do enredo das obras de Dalcídio. Em *Ribanceira*, por exemplo, a figura feminina é circundante em todo o trajeto de vida do personagem principal – Alfredo, que nessa narrativa aparece ocupando o cargo de Secretário da Intendência em uma cidade que se encontra em uma situação decadente.

A série de livros publicados por Dalcídio Jurandir é de extrema relevância para a literatura brasileira, tendo em vista que demonstra a realidade de uma área importante do Brasil – a Amazônia. Esta região sofreu diversas consequências após o declínio do preço da borracha, tais como: êxodo rural, desemprego, desmatamento, mudanças sociais e culturais, desafios ambientais e violência de todas as formas. Essas mudanças afetaram diretamente e drasticamente a vida dos moradores deste local. É sobre a realidade do povo amazônico no cenário desastroso pós auge da economia da borracha que Dalcídio aborda na maioria de suas obras. É importante destacar que “a Amazônia de Jurandir não é um paraíso que se transforma em inferno com uma natureza tangendo o homem. É um espaço em que homens transitam segundo interesses econômicos e, conforme a roda-viva desses interesses, transformam espaço e vida em um inferno.” (Furtado, 2020, p.34).

De acordo com Oliveira (2019, p.46) as obras de Dalcídio apresentam um forte tom de “crítica social e as suas personagens femininas desempenham um papel fundamental em relação a isso, principalmente as que estão à margem da sociedade e encontram no trabalho uma forma de autonomia e liberdade”. Neste contexto, em algumas das obras em que Dalcídio apresenta assuntos de críticas sociais, ele retrata questões de gênero e desigualdade social em que as personagens femininas são essenciais para estas abordagens tendo em vista que elas são representações reais da luta das mulheres por igualdade e justiça. Neste cenário, as personagens

femininas dalcidianas contribuem para a construção de uma narrativa rica e complexa em que manifesta os tons de críticas levantados pelo escritor.

Alguns dos temas retratados por Dalcídio em *Ribanceira* que envolvem a figura feminina são: Questões de normas sociais nas quais limitam as oportunidades das mulheres e reforçam estereótipos de gênero, isto é, essas normas contornam o comportamento e as escolhas das personagens femininas, limitando sua liberdade e autonomia; Papéis de gênero tradicionais, posto que Dalcídio retrata a opressão sofrida pelas personagens femininas para se conformarem aos papéis tradicionais de gênero como casar, cuidar da casa, do marido e dos filhos; Violência doméstica e abuso, o narrador mostra as consequências físicas e emocionais dessas situações e expõe alguns casos cruéis em que a mulher é submetida; Desigualdade no mercado de trabalho, Dalcídio expressa, através das suas personagens, que as mulheres enfrentam barreiras para avançar em suas carreiras, destacando cargos de prestígio apenas para os personagens masculinos. Essas são algumas das maneiras em que Dalcídio retrata as personagens femininas em sua obra. É interessante destacar que tais assuntos, abordados em uma obra de ficção, fazem parte da realidade de muitas mulheres ontem e hoje.

Dalcídio convida, através dessa obra, a realização de uma reflexão sobre as desigualdades, a pobreza, a decadência e as injustiças presentes na sociedade, especialmente referentes às mulheres. São temas presentes no romance, em uma obra ficcional, são temas observadas na realidade, sobretudo na região do norte do Brasil.

Nessa perspectiva, o escrito visa discutir algumas figuras femininas ilustradas na obra *Ribanceira*. Inicialmente, salientaremos a forma que as mulheres, o feminino é representado no decorrer da história humana, em determinadas produções da literatura. Em seguida, será feita uma leitura das personagens femininas presentes no último romance de Dalcídio, enfatizando quatro aspectos, a saber: Violência doméstica, exploração sexual, violência sexual e prostituição.

Para a construção desse artigo, fizemos inicialmente uma leitura detalhada de *Ribanceira* a fim de identificar algumas temáticas vivenciadas pelas figuras femininas da obra. Em seguida, para obtenção de conhecimentos teóricos sobre os temas selecionados, fizemos pesquisas de livros e artigos em plataformas digitais como Repositório UFPA, Scielo, e Google Acadêmico. Dentre os autores consultados para fundamentação teórica estão: Alinnie Oliveira (2019); Marli Tereza Furtado (2020); Antônio Candido (2006); Regina Dalcastagné (2012); Edilson Pantoja da Silva (2015); Gláucia Ribeiro e Fábio Pereira (2003); Cecília de Mello e Leila Adesse (2005); Ygor de Siqueira Mendes Mendonça (2018); Nalu Faria, Sonia Coelho e Tica Moreno (2013), dentre outros.

De forma introdutório, a seguir, faremos uma apresentação de como a mulher tem sido retratada na história da literatura ao longo dos anos. Essa análise é importante para identificarmos quais questões as mulheres enfrentaram na ficção e na realidade tanto no passado quanto no presente. A partir do estudo frisamos que as temáticas aqui abordadas por Dalcídio Jurandir, no século XX, ainda repercutem em nossa sociedade, sobretudo nós, viventes da região amazônica paraense.

A MULHER NA HISTÓRIA, NA FICÇÃO E NA LITERATURA AMAZÔNICA DE DALCÍDIO JURANDIR

Compreender a forma como a mulher tem sido tratada ao longo da história é fundamental para entender como ela é abordada na literatura, tendo em vista que através das obras literárias é possível observar como as atitudes, ideias e crenças de uma sociedade são expressas. Neste aspecto, os escritores, em muitos casos, fazem uso da literatura como um meio de criticar e comentar a realidade em que vivem. Nesta lógica, é importante pontuar que a realidade vivenciada por mulheres no decorrer da história humana tem sido marcada por desigualdade de gênero, discriminação, opressão e violência. Na maior parte das sociedades, as mulheres foram consideradas inferiores aos homens e tiveram acesso limitado a oportunidades e direitos.

No decorrer da história, alguns tópicos mudaram em todas as áreas da sociedade, inclusive na vida das mulheres. Neste cenário, o movimento feminista, que ganhou força a partir do século XIX, trouxe à tona as injustiças enfrentadas pelas mulheres e lutou pela igualdade de direitos. Com relação a este movimento, Gomes (2010, p. 559) afirma que

o movimento feminista também proporcionou à sociedade moderna a compreensão que as mulheres não mais poderiam ser um grupo oprimido, sendo vítimas e sofrendo as consequências de pertencer a uma sociedade secularmente repressora, preconceituosa e discriminatória. Seria necessário, assim, recriar a relação com o gênero masculino.

Dessa feita, com os diversos avanços e transformações ocorridos a partir do século XIX, as mulheres foram alcançando espaços totalmente imprevisíveis. Neste cenário, o período da segunda grande guerra mundial foi um tempo de destaque para as mulheres se desenvolverem e conquistarem diversas áreas das quais eram exclusivas para os homens, tendo em vista que muitas mulheres ocuparam os espaços antes exercidos por homens que no momento estavam nos campos de batalhas. Com relação a isso, a escritora Lygia Fagundes Telles aborda que

(...) ambiciosa na sua natureza mais profunda e que teria seu nascedouro visível no fim do século passado para vir a desenvolver-se plenamente durante a Segunda Grande Guerra: os homens válidos partiram para as trincheiras. Ficaram as mulheres na retaguarda e dispostas a exercerem o ofício desses homens nas fábricas. Nos escritórios. Nas universidades. Enfim, as mulheres foram à luta, para lembrar a expressão que começava a ficar na moda. A pátria em perigo abrindo os seus espaços e as mulheres ocupando com desenvoltura esses espaços, inclusive em atividades

paralelas à guerra, desafios arriscados que enfrentaram com a coragem de assumir responsabilidades até então só exigidas ao Primeiro Sexo (Fagundes, 2004, p. 560).

Neste contexto, é importante enfatizar que através de muitas lutas as mulheres conseguiram alcançar algumas conquistas como o direito ao voto, acesso à educação e ao mercado de trabalho, entre outros avanços importantes. Logo, a representação da mulher na fase contemporânea é marcada por uma maior diversidade, autenticidade e complexidade refletindo as mudanças e conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo do tempo. Atualmente, as mulheres assumem papéis de destaque em diferentes áreas da sociedade. Na mídia, por exemplo, é possível identificar uma maior representação de mulheres em posições de lideranças, tanto na política quanto nos negócios. Um exemplo é o artigo 17 da Constituição Federal de 1998 no qual aponta que os partidos políticos devem destinar no mínimo cinco por cento dos recursos do Fundo Partidário para a criação e manutenção de programas de promoção e difusão da participação política das mulheres, isso com o objetivo de incentivar a participação feminina na política e garantir que suas vozes sejam ouvidas nos espaços de decisão política.

Além disso, na periodização histórica atual, há uma valorização da diversidade de corpos, idades e experiências, desafiando os padrões tradicionais de beleza e juventude. No cinema e na televisão, personagens femininas estão se tornando cada vez mais complexas, com histórias que exploram suas próprias lutas, conquistas e relações interpessoais. No ramo da arte, é possível identificar artistas mulheres expressando suas experiências e perspectivas por meio de diferentes formas de expressão, como pintura, escultura e fotografia. No entanto, apesar dos avanços e espaços conquistados pelas mulheres, a luta pela igualdade de gênero ainda está em andamento, tendo em vista que as mulheres continuam enfrentando desafios como a violência de gênero, a desigualdade salarial e a sub-representação em cargos de poder e liderança.

Neste cenário, partindo para a representação da mulher na literatura, é possível afirmar que a figuração das mulheres na literatura evoluiu significativamente ao longo dos anos, refletindo mudanças sociais, culturais e políticas. Nas obras da antiguidade, por exemplo, como as de Homero, as mulheres geralmente eram vistas como figuras passivas ou objetos de desejo. Já no período da Idade Média, algumas mulheres começaram a ganhar destaque, principalmente em obras religiosas, porém suas representações ainda eram limitadas a questões como pureza e obediência.

Nos séculos XVIII e XIX o surgimento do romantismo trouxe uma nova perspectiva sobre as mulheres, embora muitas vezes ainda aparecessem como frágeis e dependentes, algumas autoras como Jane Austen começavam a explorar a complexidade das experiências femininas, apresentando personagens mais independentes. No século XX, com a luta por

direitos civis, as mulheres começaram a ser retratadas de forma mais ativa, abordando questões de identidade, sexualidade e emancipação feminina. Na literatura contemporânea, a representação das mulheres é mais diversa e complexa, visto que hoje as mulheres são apresentadas na literatura como protagonistas em narrativas que exploram suas lutas e conquistas.

Em muitas obras literárias antigas, as personagens femininas eram frequentemente retratadas como submissas, frágeis, dependentes e focadas principalmente em papéis domésticos e maternais. Isso porque esta era a realidade das mulheres para além da literatura. Um exemplo dessas características na literatura encontra-se no livro “Capitães da areia” do escritor Jorge Amado. Na obra em que o escritor denuncia a situação de diversas crianças e jovens que vivem em situação de rua por desamparo, abandono e outras questões como a perda precoce dos pais, encontra-se a personagem chamada Dora. Uma moça que tem por volta de 13 a 14 anos que se encontrou na necessidade de sair de casa devido a opressão sofrida por parte do pai e da falta de amor e acolhimento em sua casa.

Devido a essa situação, Dora foi parar no trapiche em que viviam os Capitães da areia, crianças e jovens que se encontravam em situação de rua com falta de amor e afeto, o que faz com que alguns tornem-se revoltosos com as adversidades da vida em que se encontram. Ao chegar no local, apesar de sua juventude, Dora assume um papel maternal dentro do grupo, ela se torna uma pessoa protetora oferecendo carinho, cuidado e apoio emocional. Essa característica maternal é significativa, pois mesmo em meio à dureza da vida nas ruas, ela demonstra um instinto de proteção e compaixão, buscando criar um ambiente de afeto e comunhão. Embora Dora seja uma personagem forte, sua fragilidade é evidente nas suas inseguranças e nas situações de dor e perda que vivencia. Dora é um excelente exemplo da personagem feminina que representa papéis como a fragilidade e a maternidade.

Por outro lado, algumas literaturas abordam a personagem feminina como mulheres sedutoras e perigosas, capazes de manipular os homens para alcançar seus objetivos. Um exemplo é o caso da obra “Senhora” de José de Alencar, um romance publicado em 1875 que explora temas como o amor, a ambição e a condição da mulher na sociedade brasileira do século XIX. A história gira em torno da personagem Aurélia Camargo, uma jovem bela e sedutora, que, após a morte de seu pai, se vê em uma situação financeira vulnerável, mas logo torna-se rica ao receber uma herança de seu avô.

Aurélia, por meio de um casamento arranjado, acaba se casando com Fernando Seixas, um homem que, ainda que de início tenha demonstrado amor por ela, é atraído pela sua fortuna. No entanto, Aurélia, que se sente traída e desiludida, decide usar seu poder financeiro como

forma de controle em sua relação com Fernando. Ela impõe condições rigorosas para o casamento, revelando uma faceta de sua personalidade que é ao mesmo tempo perigosa e sedutora.

Há, ainda, obras literárias que reduzem as mulheres a objetos de desejo masculino, com foco em sua aparência física e atributos sexuais. Como no livro “O Primo Brasília”, publicado no ano de 1878 e escrito por Eça de Queiroz, em que a personagem Luísa é retratada como uma mulher sedutora e fácil, sendo o objeto de desejo de Brasília, que a enxerga apenas como um meio de satisfazer suas necessidades sexuais.

Essas temáticas se justificam pelo motivo de que a “representação da mulher na literatura está intimamente ligada às normas da sociedade patriarcal, uma vez que os homens foram os maiores responsáveis pela escrita sobre a mulher nos textos literários” (Oliveira, 2019, p. 57). Ademais, embora alguns escritores tenham utilizado a literatura como forma de denunciar a hipocrisia e comportamento da sociedade em determinada época, não exclui o fato de apresentar a personagem feminina como um objeto, enfatizando sua beleza e sensualidade, enquanto suas emoções e desejos mais profundos são frequentemente ignorados.

No entanto, ao longo dos séculos, a representação das personagens femininas nas obras literárias tem evoluído, posto que “com as transformações na sociedade, a mulher ocupando cada vez mais lugares que pertenciam somente aos homens, a constituição do sujeito feminino também se modificou, pois não está mais somente nas mãos masculinas escrever essa história” (Oliveira, 2019, p. 58). É o caso da escritora Maria Firmina dos Reis (1825-1917) que foi uma escritora, professora e ativista brasileira, reconhecida como uma das primeiras romancistas do Brasil e uma das pioneiras na literatura escrita por mulheres no país. Dentre as obras literárias de Firmina, o romance “Úrsula” é o mais conhecido, sendo considerado um marco na literatura brasileira, especialmente por ser um dos primeiros romances escritos por uma mulher no Brasil. Nesta obra a autora utiliza a figura de Úrsula para refletir sobre a condição da mulher e a opressão dos escravizados, apresentando um forte conteúdo crítico e social.

Além de Maria Firmina, outras escritoras também se destacaram desempenhando papéis importantes na história brasileira, desafiando normas sociais e contribuindo para a diversidade de vozes e experiências na literatura do país. Alguns exemplos são: Júlia Lopes de Almeida, escritora, cronista, abolicionista e teatróloga, em suas obras defendia questões como a educação para as mulheres, o voto feminino e o divórcio; Cecília Meireles, poetisa e escritora, foi uma figura importante na literatura modernista; Clarice Lispector, uma das mais influentes escritoras do século XX, é conhecida por suas obras introspectivas e pela exploração da subjetividade e da condição feminina; Adélia Prado, poetisa e escritora, conhecida por sua poesia lírica e por

abordar temas da vida cotidiana, religião e a experiência feminina; Nélida Piñon, primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, foi uma romancista e contista renomada.

Com o movimento feminista e outras lutas por igualdade de gênero, surgiram personagens femininas mais complexas, independentes, fortes e empoderadas. Neste cenário, “a partir dos anos 70, a escritora brasileira passa a explorar os crimes contra a mulher como parte da violência da família patriarcal” (Gomes, 2013, p.3). Um excelente exemplo da evolução das personagens femininas nas obras literárias brasileiras é encontrado no livro “As Meninas” da escritora Lygia Fagundes Telles.

A obra, publicada em 1973, em pleno período de ditadura militar, aborda a história de três jovens universitárias chamadas Lorena, Lia e Ana Clara. Com esta informação já é possível observar um avanço atribuído às personagens femininas, que está relacionado ao fato de serem estudantes universitárias. Cada uma é representante de temas pertinentes e ousados tanto para a época em que o livro foi lançado quanto para a atualidade. Tendo em vista que Lorena é apaixonada por um homem casado, Lia é envolvida com a política e Ana Clara é usuária de drogas e passou por casos de abusos sexuais. Na obra, Lygia oportuniza suas personagens a conversarem sobre diversos temas como política, economia, masturbação, sexo, violência sexual, aborto, dentre outros temas completamente inovadores para serem abordados por mulheres.

Sobre esta obra, Gabriel Vicente França elabora sua dissertação descrevendo as riquezas dos detalhes totalmente inovadores escolhidos por Lygia para escrever o livro em destaque. O estudioso menciona que

A obra de Lygia também se caracteriza por colocar em cena personagens que teriam em sua vida aparente o centro da narrativa, mas ocorre que, com a leitura sistemática dos textos da autora, é possível identificar uma matéria densa e profunda, escolhida sob a aparência que dá vida às histórias. Essa maneira disfarçada de falar sobre a substância ao narrar conflitos vividos na aparência é própria da escrita de Lygia, e talvez explique seu sucesso comercial mesmo ao tratar de assuntos polêmicos e perigosos, como faz em ‘As Meninas’ (Vicente, 2019, p. 84).

De acordo com Candido (2006, p. 28) “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. Esta afirmação enfatiza a ideia de que a literatura não surge isoladamente, mas sim como um reflexo das circunstâncias sociais, culturais e históricas de uma sociedade específica. Isto é, a literatura, na maioria das vezes, é criada por indivíduos que são influenciados pelo meio em que vivem.

Dessa forma, tendo em vista que a literatura pode refletir tanto as realidades da sociedade quanto criticar suas injustiças e contradições, é importante ressaltar que nem sempre representa a diversidade de experiências e perspectiva das mulheres de forma completa. Tendo em vista

que muitas vezes as obras literárias ainda são escritas e dominadas por vozes masculinas, e as representações femininas podem ser limitadas. Essa afirmativa pode ser encontrada nos estudos desenvolvidos pela professora e pesquisadora Regina Dascalagnè ao enfatizar que

em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa mais extensa – (...) – mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7% (Dascalagnè, 2012, p.5).

No entanto, a literatura continua sendo um espaço importante para a exploração e questionamento das experiências femininas, uma vez que “é por intermédio da escrita que as mulheres vão registrar suas experiências, aspirações e denúncias contra o regime de submissão a elas relegados” (Oliveira, 2009, p. 29). E “hoje, talvez, possa se dizer; há quase que um espaço reservado a elas na literatura: falar de si. Embora restrito, é um lugar de onde as mulheres podem se expressar com alguma legitimidade, apresentando sua perspectiva sobre o mundo” (Dascalagnè, 2012), p.96). Dessa forma, por meio das obras literárias, as mulheres podem encontrar reflexão com suas próprias vivências, desafiar normas opressivas e se inspirar em personagens que representam uma diversidade de experiências e possibilidades.

No que se refere as obras literárias específicas da região amazônica, é possível identificar temas que falem de suas paisagens, cultura e mitologia. Porém, o escritor Dalcídio Jurandir rompe essa tradição de escrita ao publicar seus dez romances intitulados *Ciclo do Extremo Norte*, pois nessas obras Dalcídio reconstrói uma “Amazônia paraense em que os personagens não estão mais inseridos num confronto entre homem e natureza, mas vivenciando seus dramas em um espaço tão devastado quanto eles” (Oliveira, 2019, p. 21). Dessa forma, Dalcídio apresenta uma literatura em que os homens habitantes da Amazônia são os personagens principais da história e não mais a natureza.

No *Ciclo do Extremo Norte*, apesar do personagem masculino assumir o protagonismo da maioria das obras, é perceptível a presença de muitas personagens femininas contribuindo com os enredos das histórias em que são abordados seus dramas, pensamentos, lutas e problemas. Com relação a isso, Oliveira aponta que

impressiona o grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, mesmo não sendo, em sua maioria, protagonistas dos romances. Além de trazerem seus próprios dramas e trajetórias para as narrativas e sendo um elemento importante para a crítica social que percorre os dez romances (Oliveira, 2019, p. 66).

Sobre as personagens femininas de Dalcídio Jurandir, Furtado (2002, p.222) enfatiza que

os caminhos das mulheres de Marajó só se garantem à sombra do caminho dos homens. Mesmo às brancas e bem posicionadas, pouco focalizadas no texto, é o casamento que lhes afirma reconhecimento social e lhes garante futuro, não felicidade, caso de d. Branca, mulher de Coronel Coutinho, de dona Guilhermina, mulher de Lafaiete. Se negras, ou caboclas, e pobres, o casamento ou amasiamento com os de sua igualha ainda lhes assegura uma certa respeitabilidade. Sem os maridos, há poucos caminhos para sobreviverem e criarem os filhos. Trabalho há muito, mas nada que lhes garanta o sustento independentemente. De qualquer forma, poucas escapam à marca das reses do latifundiário.

No livro *Ribanceira*, publicado em 1978, é possível identificar as ruínas de uma cidade chamada Gurupá, por nome fictício – Ribanceira. Nesta obra, Alfredo – personagem principal irá trabalhar como secretário da cidade. Porém, quando chega ao local de trabalho se depara com uma cidade em situação lamentável em completa decadência devido à queda do preço da borracha. Logo no início da obra é possível identificar diversos relatos expondo a situação da cidade, como no trecho em que relata: “O entulho nos engole. Venho administrar o outrora, o que já foi. E cidade foi, sim, com hotel, piano, harpa, banda de música, coche fúnebre, jornal, biblioteca, advogados e um trapiche-cais.” (Jurandir, 1978, p. 55). Além disso, o escritor acrescenta “Esta? Esta cidade é toda-toda cemitério” (Jurandir, 1978, p.60).

Ao ser questionado sobre o motivo de Alfredo ir trabalhar em Ribanceira, é possível observar de forma mais sucinta o estado em que se encontrava o local retratado na obra

E você? E você, meu anjo, voltou do Rio, por quê? Que lhe deu, que voltou? Que veio dar com os seus vinte anos neste Trapiche Podre? Esmolambado lá no Rio mas tendo pela frente todo aquele horizonte e aqui agora de palmebiche debaixo dessa platibanda? Vai empanzinhar-se de abacate, inchar o baço nesta beira-rio, receber seu quinhão de caninga. Resta-nos salgar a tapera, esperar o vapor mas lá no meio do rio, longe do Trapiche. Os navios andam a milhas disto aqui, adeus, ribanceira saudosa! e passam pelo outro canal. O Diabo que atraque, não eles. Adeus, ribanceira saudosa! é o que sempre se diz quando se passa ou se foge por aqui. Era o que gritavam os barqueiros quando conseguiam livrar-se do posto fiscal montado no Fortim. Adeus, ribanceira saudosa! chorava o fresco se despedindo do barranco depois de tanto regalar-se com os machos no abacatal (Jurandir, 1978, p. 67).

Devido a situação decadente em que a cidade se encontrava, a consequência recai sobre os moradores do local, tendo em vista que “na Amazônia pintada por Jurandir o homem está inteiramente à margem da vida” (Silva, 2015, p. 433). Em relação aos personagens e ao cenário caótico do livro em questão, Furtado (2020, p. 34) enfatiza que

Neste último romance do ciclo, *Ribanceira*, ao lado de Alfredo, atuam inúmeras personagens pobres, empobrecidas e desvalidas, ao mesmo tempo em que há inúmeras alusões a quedas de espaços: casas, currais, telhados, assim como o som persistente do fenômeno da “terra caída” (fenômeno gerado pela erosão), que faz desabar o que nela foi construído pelo homem, metáfora daquele momento presente da narrativa. A queda final da *Ribanceira*, o porto da cidade metaforiza a queda do herói, Alfredo, que deixa o lugar e termina a obra aturdido, em Belém, sem saber que rumo dar a sua vida.

Metonimicamente, Alfredo representa a Amazônia, sem caminhos claros a seguir depois da derrocada econômica da borracha.

Neste cenário de decadência, Dalcídio utiliza personagens femininas para contribuir com o enredo de sua obra. Essas personagens representam temas polêmicos aos quais as mulheres eram submetidas na época da escrita do livro e também nos dias atuais. Violência doméstica, violência sexual, exploração sexual e prostituição são alguns desses temas nos quais serão abordados a seguir.

Até então foram expostos alguns pontos vivenciados por mulheres na história e na literatura. Neste aspecto é possível concluir que a vida das mulheres sempre foi recheada de fatores que a expuseram a diversas lutas para conquistarem um espaço de igualdade na sociedade. E a igualdade aqui mencionada refere-se a direitos como trabalho, voto, oportunidades na educação, entre outros. Para além da vida real, é possível concluir que a representação da mulher na literatura ao longo da história realça tanto as transformações sociais quanto as lutas e conquistas femininas. Desde as narrativas da antiguidade, em que as mulheres eram destinadas a papéis secundários, até os romances do século XIX que começaram a explorar suas complexidades e desejos, a literatura tem sido um reflexo das normas e expectativas de cada época. Contemporaneamente a literatura continua ampliando a representação das mulheres, refletindo a diversidade de suas experiências, lutas e vitórias.

Portanto, levando em consideração que “as mulheres dalcidianas são uma ferramenta crítica social da obra, pois a maioria delas está à margem da sociedade” (Oliveira, 2019, p. 59), no próximo capítulo será apresentada uma leitura das diferentes questões circundantes às personagens femininas ilustradas na obra *Ribanceira* de Dalcídio Jurandir. Nesse destaque, buscaremos enfatizar seus dramas, as violências sofridas, as trajetórias de vida que representam bem como as críticas que carregam em sua construção, elaboradas pelo autor.

D. ALMERINDA: FIGURA FEMININA SUBALTERNIZADA, UMA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Uma personagem de *Ribanceira* que representa a temática em questão é D. Almerinda. Casada com o personagem intitulado Capitão, o livro expõe vários cenários em que a mulher vivencia marcas deste mal. O contexto em que D. Almerinda aparece na obra é em um café da manhã em que estão presentes inicialmente Alfredo, Capitão e D. Almerinda. O trecho a seguir destaca a apresentação de D. Almerinda ao personagem Alfredo:

- Minha senhora, Secretário.

Ela cumprimenta sem dar a mão, esquiva-se para a cozinha, Capitão atrás, ‘mas, minha filha, mas minha filha’, fardado, pondo o cinto, cercando a senhora que volta de farol

na mão, o alvo rosto crispado, queixo sobre o rio, a aragem no cabelo (Jurandir, 1978, p. 99).

D. Almerinda é constantemente apresentada com um ar de tristeza, cabisbaixa, quase nunca está olhando fixo para alguém, sempre olhando para a parede ou para um ponto específico que não sejam as pessoas do cenário. Seu marido aparece frequentemente realizando atividades básicas para ela como se a personagem tivesse algum tipo de doença que a impossibilitasse de realizar tal tarefa. Um exemplo é o fragmento a seguir:

Prova da xícara da mulher:

- Mas amargo o teu café, filhota! Amargo, amargo. Adoce mais. Licença, eu adoço. Seu organismo está carente de sacarose, minha filha. Ah, D. Almerinda, as prescrições, as prescrições, minha filha!

Alfredo: Amargo? Mas o leite condensado? Amargo? Que está se passando? Fazendo um pigarro, o Capitão vai ao parapeito. D. Almerinda e Secretário à mesa, um defronte do outro, ele querendo quebrar o gelo, ela inquebrável. (Jurandir, 1978, p.204).

No cenário supracitado, Alfredo percebe que algo está errado, ele passa a identificar cenas como a que o autor destaca que “o Capitão sai para o quarto atrás da senhora, a porta do quarto fecha com violência” (Jurandir, 1978, p. 100). Aqui é válido destacar que a violência doméstica é um problema grave que ocorre independentemente da origem ou profissão dos agressores. Quando essa violência é cometida por militares, por exemplo, a situação pode ser ainda mais complexa, pois envolve não apenas questões de abuso pessoal, mas também fatores institucionais e sociais. Além disso, a cultura militar, que muitas vezes valoriza a força e a disciplina, pode dificultar a denúncia de abusos, tanto por parte das vítimas quanto por testemunhas.

No decorrer da obra, o narrador descreve o momento em que Zezé, funcionária da casa, entra no cenário trazendo os aperitivos do café da manhã:

É a Zezé com a fatia de bolo para a D. Almerinda, o bule de chocolate para o Capitão e para o Secretário dois ovos.

- Os ovos, Secretário, quem lhe mandou não deu o nome.

- Permite, Capitão, que ofereça a D. Almerinda?

O Capitão, festivo, abre os braços, ora, ora, Secretário!

- Mas aceite, D. Almerinda, agradeça (Jurandir, 1978, p.203).

A atitude de Alfredo em oferecer os ovos, que ele havia ganhado, para D. Almerinda deixa o Capitão extremamente revoltado:

- Aqueles espelhos no jantar, aqueles espelhos! D. Almerinda, vá estalar os dois ovos para o moço.

O Secretário, que não, basta o queijo, o bolo, o chocolate, a rosca da barrica, vai levantar-se.

- Já? Só? Não acha, D. Almerinda? Que é isso? As emoções do baile? Ó Zezé!

Zezé de chinela, mão na cintura, o beijo zombeteiro.

- Leve os dois ovos, me faça na manteiga aqui para o Secretário, minha filha.

- Não, Capitão. É de D. Almerinda. Da senhora, D. Almerinda.

- Ouvindo, D. Almerinda? O moço sustenta a palavra. Ouvindo?

Dura na parede, D. Almerinda não tira os olhos da parede (Jurandir, 1978, p.204).

Com a insistência de Alfredo “O Capitão olha para D. Almerinda. Vai à mesa do aparador, toca na arma, toca nos ovos, vira-se com um ar solidário.” (Jurandir, 1978, p.205). E logo em seguida “O Capitão volta abrindo os braços, que se há de fazer? Que se há de fazer? Tira do copo o botão de rosa, enfia no cabelo da mulher. Esta, ao parapeito, olhando o rio. O Capitão apanha o revólver, atira. Traz da praia o urubu morto” (Jurandir, 1978, p.206).

No mesmo cenário supracitado, o autor continua descrevendo a cena de revolta do Capitão ao relatar que:

O Capitão vai à despensa atrás da mulher, cochicham, bate a bota, bate à porta, quebra-se um copo, cochicham, cochicham. Alfredo, na alcova, vê o revólver no aparador, o botão de rosa no cabelo da senhora, o olhar dos despejados, o Capitão subindo da praia com o urubu morto (Jurandir, 1978, p.206-207).

No decorrer de todo esse drama, Zezé chama Alfredo para lhe relatar o que está acontecendo. Ela confessa o seguinte:

-Secretário, aquele meu particular com o senhor é só para lhe avisar, agora que o Capitão saiu, que a senhora dele manda lhe dizer que o senhor evite sempre de falar com ela, de ficar em casa quando o Capitão não está. É de toda conveniência. O urubu que ele matou? Matou para não atirar no senhor (Jurandir, 1978, p.263).

Em seguida é abordado nitidamente a descrição do drama em que a personagem D. Almerinda vive ao descrever o excerto a seguir:

- Olhe, Secretário, ele, de dente ferrado, risca o peito dela com ponta de canivete, naquela maltratação. Este cupu? É aquele mesmo de ontem que o senhor ganhou do velho Seruaia e logo deu ao Capitão perguntando se a senhora dele gostava de vinho de cupu. Pois só era ‘te enterro, te deixo enterrada nesta ribanceira, rameira’. Lá no quarto trancados, o Capitão de canivete no peito da D. Almerinda. Ordem de atirar o cupu no rio. Coitada, ela o que fez? Fez que atirou o cupu no rio, pegou me mandou que eu devolvesse o cupu ao senhor me encarregando de lhe dar conhecimento do que sucede. (Jurandir, 1978, p.263).

A resposta de Alfredo a esta questão é muito interessante. Ele fica impressionado pelo fato a ele descrito pelo motivo de presenciar um tratamento de certo modo cuidadoso por parte do Capitão à sua esposa. Isso porque é comum que agressores de violência doméstica se comportem de maneira diferente em público, tendo em vista que a maioria dos agressores frequentemente desejam projetar a imagem de uma pessoa bondosa e atenciosa para familiares, amigos e colegas. Isso pode ajudar a encobrir seu comportamento abusivo e evitar que sejam responsabilizados. Além disso, ao agir de maneira gentil em público, o agressor pode influenciar a percepção de outras pessoas sobre o relacionamento, o que pode dificultar que a vítima busque ajuda ou apoio. Ademais, familiares e amigos podem não perceber a gravidade da situação e, assim, não oferecerem o suporte necessário. É possível perceber a surpresa de Alfredo com relação as descrições feitas a ele no seguinte destaque:

- Mas tão atencioso com ela na minha presença? Tão, minha filha, minha filha!
 - Aí que a porca torce o rabo, vê cara não vê coração, o mimo é para inglês ver, o bem-parecido esconde o horripiloso, me beijando no rosto e me furando a barriga com a ponta do canivete. Ele só de propósito, senta a D. Almerinda bem confronte do senhor na mesa, a rameira ali no banco do réu. Rameira é mesmo nome feio, Secretário? (Jurandir, 1978, p. 263).

Em toda a obra a personagem D. Almerinda só tem duas falas próprias, a principal delas é em uma despedida com a personagem D. Pequenina:

Levada à porta pela D. Almerinda, desta vez Alfredo ouve, nítida, nordestina, desembaraçada, a voz de D. Almerinda:
 - Apareça, D. Pequenina. Na primeira ladainha, estaremos lá, sim. Almerinda Vasconcelos Maldonado, criada às ordens. É assim mesmo. Todas nós bebemos da taça da amargura. (Jurandir, 1978, p. 227).

Neste contexto, é possível identificar as marcas dos dramas vivenciados pela personagem em questão. Quando fala que bebe da taça da amargura está expondo suas dores, seus dramas, sua infelicidade. D. Almerinda é uma representação de milhares de mulheres que sofrem diariamente com o mal da violência doméstica. No Brasil, por exemplo, pouco mais de 380 mil casos de violência contra mulher foram registrados na Justiça brasileira em apenas cinco meses de 2024 segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2024). E Dalcídio Jurandir já discorria sobre o tema em questão há alguns anos, o que comprova que o problema da violência doméstica que assombra a vida de milhões de mulheres contemporaneamente tem raízes antigas.

A violência doméstica é uma realidade que tem raízes profundas na história da humanidade, evoluindo em sua percepção e tratamento ao longo dos séculos. Desde a antiguidade até a contemporaneidade a classe feminina sofre diversas violências vindas, principalmente, de seus familiares do sexo oposto. Com relação a isso, Ribeiro & Pereira (2003, p. 32) destacam que

A violência doméstica tem uma dimensão de gênero. Ela ocorre num contexto social onde a mulher ainda é vista como inferior, ou seja, ela não tem o mesmo status, poder e direitos que o homem. Mudanças vêm ocorrendo nesse cenário, mas ainda existem muitos mitos, preconceitos e desafios que dificultam a compreensão da violência e intervenção. A natureza da violência doméstica e os estigmas associados a ela muitas vezes impedem que mulheres procurem ajuda.

No Brasil, especificamente, as mulheres alcançaram algumas conquistas em diversas áreas, inclusive na legislação. Um dos principais exemplos é a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, 2006) em que enfatiza:

Art. 5º. Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:
 I – no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II – no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III – em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Embora as mulheres sejam amparadas por Lei contra a violência doméstica, muitas sofrem atrocidades e ficam silenciadas e não denunciam o agressor ou agressores. Isso se justifica, sobretudo, pelo motivo que as pessoas que sofrem violência, sejam elas crianças, adolescentes ou mulheres, sofrem pressões e ameaças por parte das pessoas que os violentam, fazendo com que muitos dos violentados fiquem silenciados (Ribeiro & Pereira, 2003, p.22). Ademais, os mesmos autores complementam que “mulheres casadas que vivenciam violência em suas relações conjugais, movidas pelo medo do marido e por sentimentos de proteção aos filhos, hesitam em expor ‘detalhes’ da intimidade, ou seja, situações de sexo não consensual, estupro, humilhação, etc.” (Ribeiro & Pereira, 2003, p.22).

Um ponto importante a destacar é que a violência contra as mulheres não vem majoritariamente por pessoas desconhecidas e sim por conhecidos. Sobre isso Ribeiro & Pereira (2003, p. 23) afirmam que

Maridos, pais, padrastos, tios, avós, amigos da família, têm sido apontados como os principais autores de violência domésticas. Esse dado nos remete ao questionamento de um outro mito – o de que o autor da violência é, na maioria das vezes, um desconhecido – perverso, tarado ou bandido. Nesse caso a pessoa que agride é alguém a quem culturalmente foi atribuída a tarefa de cuidar.

Outro fator importante a ser destacado são as consequências físicas e psicológicas sofridas por quem é acometido com a violência doméstica. Muitas mulheres, independentemente da idade, carregam sequelas temporais ou para o resto de suas vidas por decorrência da violência sofrida. Sobre isso, Ribeiro & Pereira (2003, p. 26) destacam que

além do impacto no estado psíquico e emocional das pessoas, a violência doméstica afeta a integridade corporal. Muitos dos atos de violência envolvem lesões corporais que podem variar de leves e graves. Socos, tapas, chutes, amarramentos, espancamentos e tentativas de estrangulamento ocorrem com frequência.

Importante frisar que a violência doméstica também acomete muitas vítimas de forma indireta. Tendo em vista que “crianças e adolescentes que crescem em contextos de violência frequentemente apresentam uma série de dificuldades pessoais e interpessoais. É comum a presença de ansiedade, medo, depressão” (Ribeiro & Pereira 2003, p. 26).

O tema supracitado é a realidade de uma das personagens de Dalcídio, bem como a realidade de milhares de mulheres no Brasil e no mundo. No capítulo seguinte será abordado outro tipo de violência, igualmente cruel e comum na história de *Ribanceira* e na vida de

diversas mulheres: a violência sexual. Neste contexto, a personagem em destaque é Bibiana, uma mulher transgressora que foi vítima de estupro.

BIBIANA: DA DOR DO ESTUPRO À TRANSGRESSÃO E IRONIA COMO REVIDE SOCIAL

A personagem de *Ribanceira* que vivenciou o ato de violência sexual é nomeada Bibiana, em muitos cenários apresentada como “Bi”. Para iniciar a apresentação da personagem em questão, é importante destacar um ponto da obra que faz referência ao Coche, instrumento que foi encomendado com o intuito de realizar cerimônias fúnebres, mas na realidade serviu para outro serviço, o de encontros amorosos:

O Coche, informa o Juiz, não conduziu defunto algum. Louva-lhe a primeira classe, o custo, de onde veio, quando o navio que o trouxe desembarca no Trapiche, entra na cidade puxado pelo Intendente, subiu um foguete, tocou o sino, o Promotor falou. Chegou-se a comprar cavalos para a carruagem e os cavalos, mal desembarcavam, morriam de uma peste até hoje sem explicação. O Coche não rodou. Onde foi depositado, desabou o telheiro. Aos poucos trazidos pelos rapazes até parar de vez na boca desta capoeira, agora sim de serventia pública.
- Serve aos casais. Casais de meia hora. É o lupanar fúnebre. A cama das raparigas (Jurandir, 1978, p. 96-97).

Conhecer a função do Coche é importante porque foi o local onde Bi foi violentada sexualmente. No que se refere ao contexto de apresentação da personagem, dentre as histórias que Alfredo ouve ao chegar na cidade em que será Secretário, está a da personagem D. Bibiana, mas conhecida como Bi. Filha do Coronel Cácio, o ex-intendente da cidade, a moça fazia parte de uma família respeitada e de uma posição privilegiada. Bi é uma personagem diferente das demais, ela não se importa com os julgamentos da sociedade ou com as consequências de seus atos. A história que Alfredo ouve sobre a jovem é a de um envolvimento amoroso que Bi teve as escondidas com o Fiscal Federal, um homem bem mais velho que ela:

Não saia por debaixo do soalho, lhe peço, pedia a Bi. Mas não foi por onde entrei? Sim, como meu namorado. Tem que sair agora como uma autoridade federal que é. Fiscal Federal, que é que não vai dizer o comércio? Pela porta, que atirar, não atiram, se atirarem, morremos juntos. Enfrente meu pai, enfrente meus irmãos, mas saia pela porta. Vista o camisão – meu Deus está que só suor e gelado – se vista e vamos de braço. Pelo soalho, não. Beijava o velho. Pelo soalho, não. Agarra ao velho. Pelo soalho não. A prima, lhe doendo o dente: bota por amor de Deus pelo buraco do soalho o diabo desse velho, Bi. Aqui por fora, arromba-não-arromba. Minha filha, pela porta, não, que não trouxe a máuser, falou o velho. Sua obrigação é sair pela porta que senão é feio, instava a moça. Um boi! (Jurandir, 1978, p.56-57).

Em seguida o narrador descreve o pensamento do atual Intendente a respeito da jovem:

O sangue-frio dela! Ou zombava do amante e da família? Aquela heroína? Aquela? Agora que você assumiu, que é Secretário-Tesoureiro, em lugar do outro, não pense que aqueles favores dela lhe serão transmitidos por força de lei. Cuidado. Que aquele buraco de soalho por debaixo do quarto é a porta larga, de que fala o Cristo. É a porta larga, e estreita é a do Secretário, meu amigo. Guarde o que estou lhe dizendo. Assim

de palmebiche, dando ilusão, pode assanhar a cabra. A porta é de Secretário, não é o buraco do soalho e você tem vinte anos e o outro sessenta, e Fiscal de Consumo. (Jurandir, 1978, p. 57).

Um tempo depois Alfredo conhece Bi em um jantar oferecido pelo pai da jovem. Neste jantar, Bi está entusiasmada por conhecer o rapaz novo na cidade e Alfredo está interessado em conhecer a jovem de quem ouviu histórias tão ousadas: “Pelo espelho Alfredo descobre a moça, a Bi, num vestido de baile, os olhos nele. (...). É a Bi, senta ao lado de Alfredo, os braços nus, num suarê lilás com um cacho de jasmims no colo, peito, olhe o tamanho. Olha para Alfredo pelo espelho” (Jurandir, 1978, p. 104-105).

O jantar é interrompido por um convite ao baile em que a personagem D. Benigna está oferecendo em sua casa. Todos foram convocados a ir, inclusive Alfredo e Bi. Quando já estavam no baile, todos foram surpreendidos com a ausência do maestro que iria tocar na festa. Devido a um problema na perna o maestro seria carregado por três homens para chegar ao baile, porém o tempo passava e eles não apareciam. Dessa forma, os integrantes do baile decidiram sair a procura do maestro. Durante o percurso da busca, Alfredo e Bi tiveram uma longa conversa. A moça não fazia questão de distorcer as histórias contadas a Alfredo e quando ele a chama de senhora, ela responde “eu, quem sou eu para ser uma senhora. Quem me dera eu. Adeus que serei senhora” (Jurandir, 1978, p. 138). Em seguida a jovem questiona Alfredo

me tire então, duma cisma, me tire. Que lhe sopraram sobre minha pessoa mal o senhor põe o pé no Trapiche, ou já foi a bordo? Em Belém, será? Por que aqui do meu lado? Que tenho eu demais que lhe interesse? A fama? Quer mandar um ofício sobre os maus costumes desta cidade? A fama? (Jurandir, 1978, p. 139).

A personagem em questão ironiza a má fama que possui e expõe claramente que não se importa com o que as pessoas pensam e comentam sobre ela, isso a transforma em uma personagem totalmente diferente, tendo atitudes quase incomuns para as jovens da época, como no excerto em que menciona “culpa? Me vê com semblante de culpa? Que andaram então lhe dizendo? Pensa que não sei que meu nome já anda pelos cafês em Belém? Meu nome virou saburá na língua alheia. Por mim. Por mim” (Jurandir, 1978, p. 159).

Aqui vale mencionar outra personagem chamada Bibiana, encontrada na trilogia *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Diferente da Bibiana de Dalcídio Jurandir, a Bibiana de Érico é uma personagem mais sensível, cheia de sentimentos e com uma facilidade de descrever os fatos com profundidade. Além disso, a personagem em destaque é mais introspectiva e traz também um maior sentimento de angústia, de vítima. No entanto, as duas personagens, apesar de possuírem personalidades que divergem em alguns pontos, são donas de uma independência em comum. Isto é, as duas são mulheres à frente de seu tempo, no sentido de demonstrarem autonomia e uma forte vontade de serem protagonistas de suas próprias vidas.

No decorrer da conversa, Alfredo insiste com Bibiana para terem um encontro sozinhos em uma outra oportunidade. Durante várias noites Alfredo fica à espera da jovem, até que em um determinado tempo ela aparece na porta do quarto dele toda vestida de preto “agora, sim, passos na sala, baixa a luz do candeeiro, um silêncio. De novo os passos, agora nas portas da alcova: toda de preto na porta” (Jurandir, 1978, p. 246). Alfredo tenta de algumas formas um contato físico com Bibiana, porém ela o rejeita justificando que está com mal cheiro, embora estivesse tomado banho no rio e se perfumado bastante

- Alfredo se lembra da cena com o velho Fiscal, contada pelo Intendente, quer abraçá-la, repellido. Bi sacode o cabelo molhado, cheirando-se no peito, braço, ombro:
- Sentindo?
 - Cobre-se com a varanda na rede.
 - Que estou com um pixé, estou? Estou, sim.
 - Mais baixo. Não fale.
 - Nem banho de rio nem todo o frasco de loção de 15 mil-réis, não tira, não tira, me deixe me ir, acabou-se. Pegue o dente. Faça o chá.
 - Mais baixo. Teve sessão em casa?
 - Não sente? Não sente? Que estou fedendo a podre? (Jurandir, 1978, p. 247).

Em seguida a personagem expõe a dimensão de sua frustração pensando até em um fim na própria vida

- Duas vexes no rio, na segunda me deixei ir na correnteza, ia já longe, lá fora, morrer por morrer melhor morrer no rio, acabei me vendo no seco como se o rio me vomitasse, como se alguém me trouxesse: Vai, sua porca, pro teu chiqueiro. O tucuxi, sei lá.
- Fui eu – cochicha Alfredo, com um sinal de silêncio.
- Não tem mais cura. No primeiro cedro que descer de bubuia, me embora (Jurandir, 1978, p. 247).

Enfim, Bi sai do quarto de Alfredo sem permitir qualquer toque físico da parte do rapaz. Um tempo depois, o Secretário descobre que Bi foi embora para Belém. O jovem procura o Trapicheiro da cidade para colher informações sobre a viagem tão rápida e inesperada de Bi:

- O ex-Secretário estava?
- Que eu visse... O anão, sim, carregou a mala, se desmanchava em choro.
- Ia de branco?
- Toda de preto com rendas e olha que bastante perfumada. Foi, desatou o punho da rede, se foi, Secretário. E tão sem sangue no rosto. Adeus, Trapicheiro, me disse, olhe que você acaba sustentando esse Trapiche no ombro. Não deixe a candeia dele apagar (Jurandir, 1978, p. 253).

No decorrer dos dias, Alfredo descobre, através do personagem intitulado seu Guerreiro, o que de fato ocorreu com Bi na noite em que foi visita-lo. A jovem foi violentada sexualmente por dois personagens da obra – o Praça e o ex-Secretário:

- Pode não ter acontecido... A contragosto que lhe passo. Mas me dói que até agora o senhor esteja inocente. Naquela noite, antes do Secretário Municipal, foi a Força Pública na pessoa do soldado raso.
- Que noite?
- Ia ela a caminho do quarto do senhor... Mas se o Capitão nessa hora acorda, Secretário? Vem o praça se atravessa: ou me dá ou toco a corneta. Foi no Coche. Ela

do Coche para o rio e foi mudou roupa. Ao passar de novo pelo Coche zás o ex-Secretário armado de uma faca. Lá vai ela do Coche para o rio (Jurandir, 1978, p. 340).

Bi, uma personagem ousada, com ações inesperadas para jovens de sua idade da época, teve sua vida marcada pela injustiça causada pelo estupro. Sobre isto, Oliveira (2019, p. 114) enfatiza que

Tanto o soldado como o ex-secretário da intendência se utilizam da força física e ameaçam a moça para que entre com eles no Coche, lugar conhecido naquela comunidade para encontros secretos. Bi, uma mulher transgressora, que todos sabiam do seu comportamento livre para o amor, que não se sujeitava às normas sociais e que não se importava com opiniões sobre sua vida, teve a sua liberdade interrompida de forma brutal e violenta por dois homens que pensaram que podiam se aproveitar da jovem por causa de seu comportamento libertário.

Outro detalhe importante é que depois da violência sofrida, Bi veste-se de preto para ir ao encontro de Alfredo, como uma forma de exteriorizar a sua aflição por conta da violência que vivenciou (Oliveira, 2019, p. 115). Sobre a estadia da personagem em Belém, o narrador relata que

- De D. Bi, em Belém, por ora nada transpira. Está enchendo a botija. O anão é que chora na beira da praia. Por certo, a D. Bi, com aquela serventia toda dela... Naquela noite puff! Na armadilha dos dois tratantes no Coche, ex-Secretário já desesperado de faca americana em punho (Jurandir, 1978, p. 341).

A ironia que Bi utiliza para lidar com os comentários sobre sua vida sugere uma força de caráter e uma resistência à opressão social. No entanto, a emboscada e a violência que ela sofre são elementos que trazem à tona a triste realidade de muitas mulheres que enfrentam violência por serem diferentes ou por desafiarem normas sociais. Afinal o Brasil registrou 74.930 estupros, o maior número da história, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 (Andes, 2023). Portanto, é nítido que o ato violento sofrido pela personagem dalcidiana há alguns anos ainda repercute na atualidade em grande proporção.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) define violência como o “uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. Neste contexto a violência sexual é uma das violências mais cruéis e duradouras da violência de gênero. É considerada duradoura porque persiste ao longo da história da humanidade afetando mulheres, adolescentes e crianças em diversos contextos sociais, especialmente no ambiente doméstico. Sobre a questão de violência, Souza & Adesse (2005, p. 37) enfatizam que

A violência contra mulheres e meninas inclui situações de agressão física, sexual psicológica e econômica. As duas formas mais comuns de violência contra a mulher, cujos autores são parceiros íntimos da vítima, são: a agressão física, que se caracteriza comumente pelos crimes de lesão corporal e ameaça, também chamada de violência

doméstica; e a coerção ao sexo, chamada de violência sexual, que inclui com mais frequência os crimes de estupro e atentado violento ao pudor. A violência sexual pode ser exercida no espaço doméstico (casa) ou no público (rua). A agressão física é quase sempre acompanhada de agressão psicológica e, de um quarto à metade das vezes, está relacionada a situações de violência sexual, como, por exemplo, o estupro conjugal.

Neste cenário, é importante enfatizar os danos causados às vítimas de violência sexual, visto que vai muito além de sequelas físicas. Sobre isto, o Ministério da Saúde (2012, p. 14) relata que

A violência sexual repercute na saúde física – desde o risco de contaminações por Doenças Sexualmente Transmissíveis, entre elas, o HIV, até gravidez indesejada, agravando o quadro já traumático -, e na saúde mental da pessoa – quadros de depressão, síndrome do pânico, ansiedade e distúrbios psicossomáticos.

Afirmar um dado exato da quantidade de pessoas que sofrem violência sexual no Brasil e no mundo é quase impossível, tendo em vista que muitas vítimas tem medo de denunciar o agressor por sofrerem chantagens e ameaças que fazem com que fiquem intimidadas em expor o ato sofrido. Ainda assim, “estima-se que a violência sexual atinja 12 milhões de pessoas a cada ano no mundo” (Ministério da Saúde, 2012, p. 13). Um dado alarmante, que possibilita notar a complexidade do mal da violência sexual. Neste contexto, a luta histórica dos movimentos de mulheres resultou em algumas medidas importantes para a proteção do gênero feminino, posto que, ainda de acordo com o Ministério da Saúde (2012, p. 14)

Em âmbito internacional, o Brasil é signatário da CEDAW (Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres), da Convenção de Belém do Pará, da Conferência de Beijing e de Cairo, dentre outras. Há, ainda, em âmbito nacional, marcos políticos de suma importância, como a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), a Lei de Notificação Compulsória no caso de violência contra mulheres, crianças, adolescentes e pessoas idosas atendidos em serviços de saúde públicos ou privados (Lei nº 10.778/2003, art. 13 da Lei nº 8.069/1990, art. 19 da Lei nº 10.741/2003), a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), entre outros.

Por fim, é válido mencionar que atos de violência sexual ainda são muito presentes na história atual. Uma afirmação lamentável, tendo em vista que acomete a vida de milhares de mulheres que têm suas vidas afetadas tanto em caráter real (morte física) quanto nos aspectos emocionais e psicológicos. No capítulo a seguir, será abordada outra temática que impacta a vida de muitas mulheres no Brasil: a exploração sexual. Para abordar esse tema, Dalcídio utilizou a personagem Damiana, uma jovem que foi trocada para serviços sexuais pelo próprio pai.

DAMIANA: A MULHER COMO OBJETO SEXUAL E REALIZAÇÃO DE DESEJO SEXUAL DOS PODEROSOS

No livro *Ribanceira*, a personagem Damiana vivencia o ato de exploração sexual. A moça é apresentada na obra através de uma das viagens do Juiz de Ribanceira, em que encosta seu bote na estiva do personagem Jovico Umiri, pai de Damiana. Ao conhecer a moça em questão, o Juiz se interessa sexualmente por ela

Numa das suas viagens pelo interior, entrando nos barracões do comércio que nem mucura nos poleiros, o Meritíssimo amarra o bote, já carregado de gêneros, na estiva do Jovico Umiri e dá com a filha do homem escolhendo sementes de ucuuba no jirau.
 - Mas Jovico Umiri!
 - De que o senhor se assustou, já, doutor? Que foi?
 - Está-que-está um pexixéu essa tua filha, bichão. Teu nome? Vem cá, aquela-menina. A pequena saltou do jirau, meteu-se atrás de umas sororocas; dela o Juiz só via o cabelo no meio das folhas (Jurandir, 1978, p. 80-81).

A jovem nada fala durante a conversa do Juiz com seu pai. Sempre de cabeça baixa, ocupada no jirau, seu pai é quem fala por ela

Vinha que vinha, aparecendo de detrás das sororocas, pulou no jirau a arisca Umiri.
 - E tu, minha filha, vem cá, me diz tua graça.
 - Damiana, criada do senhor – respondeu o pai. – Não arrepare, doutor, não arrepare que ela no que botou corpo se asselvajou que só visto muito por demais braba.
 - Braba? Muito por demais braba? Nem me toma a bença?
 Damiana, coçando o pescoço, repuxando os dedos, veio, dobra o joelho: a bença? Sempre poupando o rosto, tirando a mão ligeiro das garras do Juiz. O pai, atrás do tapiri, em busca da vara. Damiana na beira do jirau, de costas para o Juiz que avaliava a caça (Jurandir, 1978, p. 82).

No decorrer da conversa entre os dois homens em questão, o Juiz resolve oferecer uma ilha aparentemente sem dono a Jovico

- A ilha lá defronte, quem morando lá?
 - Morador, que eu saiba, que me conste, doutor, estou por saber. Dono daquilo pra lhe dizer que sei, minto. A ilha, cismo, é do Governo mas não lhe garanto.
 - Te serve?
 - Me serve o que- que me serve, doutor?
 - Te indagando se te agrada. Queres?
 - Que então já que é, que o senhor está me dando?
 - Fica. Fica com ela.
 - Eu, doutor?
 - Não te faz de desentendido. A ilha. Aquela. Pega pra ti.
 - Bem, o senhor me dando, dado pelo doutor, o doutor quem manda, o doutor dispõe, é do Governo, rejeitar é até desfeita. Bem, o senhor que sabe.
 - Despachado. Tua (Jurandir, 1978, p. 81).

Porém o Juiz não deu a ilha de graça para Jovico. Pois ainda que não tenha pagado dinheiro pelo local que ganhou, sua filha – Damiana – foi o pagamento: “o pai voltou, aquela tamanha hora da madrugada, dono da ilha e com os peixes para o Meritíssimo. Ganhou do Juiz a ilha, o Juiz lhe comeu a filha” (Jurandir, 1978, p. 82). Damiana representa milhares de meninas que vivenciam ainda na contemporaneidade a infelicidade de serem trocadas como objeto sexual, tendo suas infâncias e o resto de suas vidas marcadas pelas sequelas causadas por uma vida precoce na área sexual.

A exploração sexual de meninas é uma questão extremamente preocupante que ocorre em várias partes do mundo, incluindo no interior da Amazônia. Essa área do Brasil é reconhecida pela riqueza da floresta amazônica, pela sua biodiversidade, pela criação em grande escala de búfalos nas áreas de campos e pela cerâmica marajoara, no entanto, também é marcada pela pobreza de seus municípios, pelo trabalho infantil, pela pirataria nos rios, pela prostituição e exploração sexual nas cidades e nos rios, além de apresentar os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil (Guedes, 2015, p. 3).

O mal da exploração sexual de meninas tem raízes históricas na região amazônica, passando pela exploração da borracha e da madeira, e chegando à exploração de seres humanos, incluindo o tráfico de virgindade. O problema em questão remonta a diferentes períodos e contextos. Durante o auge do ciclo da borracha, por exemplo, na região amazônica, no final do século XIX, houve uma grande migração de pessoas em busca de trabalho nas seringueiras. Essa migração em massa resultou em comunidades desestruturadas, onde a exploração sexual de meninas e mulheres era comum.

Ademais, a exploração madeireira também desempenhou um papel significativo na exploração sexual de meninas na região. Posto que, a extração de madeira atraiu trabalhadores migrantes, criando novamente comunidades desestruturadas e vulneráveis, propícias à exploração sexual. Todo o processo de exploração na área da região amazônica, visando apenas o lucro provindo da natureza e esquecendo-se das consequências que gerariam tanto no local quanto na população que residia e residiria na região, resultou em uma calamidade na questão de desenvolvimento da área amazônica:

Esta realidade, por sua vez, refletiu no cenário marajoara, onde a população nativa foi vítima de diversas formas de exploração, sobretudo por meio da escravidão. Tal situação dificultou o desenvolvimento da região e se perpetua até os dias atuais, fator que dificulta a inserção desta população nos moldes da economia capitalista, obrigando-os a buscar modos informais de trabalho e sobrevivência (Levy & Mendonça, 2022, p. 204).

Além disso, a região amazônica, devido à sua localização geográfica, torna-se uma rota favorável para o tráfico de pessoas. Dessa forma, meninas são frequentemente traficadas para a exploração sexual, seja dentro da própria região ou para outros destinos.

Os rios amazônicos certamente são responsáveis por compor todo o modo de vida das comunidades da região, adentrando em seu imaginário romântico e traduzindo-se, diversas vezes, como protagonistas de lendas e canções. Assumem, notadamente, a condição de principais representantes dos costumes das comunidades ribeirinhas, que possuem peculiar relação com as águas dos rios. Estas águas, por outro lado, parecem também lavar a memória de uma prática comum, porém silenciada, da qual servem de palco: a violência sobre os corpos femininos (Levy & Mendonça, 2022, p. 205).

A pobreza e a desigualdade socioeconômica são fatores que contribuem para a vulnerabilidade das famílias na região. Assim, em situações de extrema pobreza, alguns pais podem se sentir obrigados a vender suas filhas para a exploração sexual como uma forma desesperada de sobrevivência. Sobre a questão relacionada a pobreza e desigualdade na região amazônica, Guedes (2015, p. 5) destaca que

Seus vilas sempre foram abandonadas pelos poderes públicos: não há escolas e postos de saúde em todas as vilas; as distâncias percorridas nos rios são longínquas, encarecendo o transporte fluvial entre as vilas, e entre estas e a cidade de Breves-PA, que é feita por particulares; os produtos alimentícios industrializados, em função dos preços dos transportes e da ganância dos comerciantes, assumem preços exorbitantes nas localidades. Não há energia elétrica nas vilas que seja fornecida por centrais elétricas, senão apenas por algumas famílias que contam com motores conjugados (geradores) mantidos a preços muito elevados do óleo diesel.

Devido os fatores supracitados, muitas meninas vivenciam o mal de serem exploradas sexualmente, principalmente como uma forma que a família encontra de sobreviver à pobreza extrema em que se encontram. E para solucionar a problemática, entregam as próprias filhas para serem usadas sexualmente em troca de utensílios. No tópico a seguir, abordaremos a prostituição propriamente dita, com a ressalva de que, nesse cenário que percorreremos no item seguinte, a mulher, impulsionada por diferentes condicionantes, assume a ação e negocia seu corpo como moeda de troca.

DJANIRA, JUSTA ZOLHUDA, INÁ E AS PROSTITUTAS DO CEMITÉRIO: A VENDA DO CORPO E DO PRAZER FEMININO COMO SOBREVIVÊNCIA

Dalcídio Jurandir também expõe este tema tão complexo em *Ribanceira*. A obra apresenta a prostituição não apenas como um comércio sexual, mas também como uma forma de sobrevivência para muitas mulheres que, diante da pobreza e da falta de oportunidades, veem nessa atividade uma alternativa viável. É o caso da personagem Djanira, que tem um caso com um homem casado chamado Cipriano. O homem com quem a personagem se relaciona é dono de uma embarcação que de vez em quando para em Ribanceira e Djanira mantém relações com ele em troca de alguns mantimentos, como evidencia o excerto “A irmã dela, a Djanira, tem, bem verdade, aquele filho do tempo, agora rapariga do seu Cipriano, o dono do barco-regatão Abaeté-Santarém, que escala na ribanceira. O regatão lhe traz uma água-de-colônia, um e dois cortes, até que um bom mantimento” (Jurandir, 1978, p. 280).

Em uma das passagens de Cipriano em Ribanceira, a mãe de Djanira expõe seu desgosto pela atividade que sua filha exerce com o homem, bem como sua insatisfação em ver a caridade de Djanira com os moradores do local, já que a moça gostava de ajudar os demais necessitados:

A filha leva a mãe para atrás da porta: Assim também que não, mamãe, São Benedito está lhe vendo, lhe ouvindo, desesconda as coisas. O que seu Cipriano me dá, do dado dou também um pouco pros quantos que aqui entram mais que carecidos, deixa lamberem o nosso osso, uai. A mãe espalma as mãos no rosto: Dado, mea filha? O que ele traz, essa lambuja, é dado, rapariga? E do teu, o que tu dás em troca? A filha benze-se: Mamãe, o que dou é por um simples gosto, ou sorte, é do meu natural (Jurandir, 1978, p. 280).

A filha ainda acrescenta: “deixe, que eu represento eles todos, dou por todos eles. Na rede em que me deito, eles se deitam também. Tire as coisas do escondido que escondimento ofende. Fortuna é que seu Cipriano inda amarre o barco nesse Trapiche (Jurandir, 1978, p. 280). É evidente que Djanira reconhece que se seu Cipriano parar de atracar seu barco no trapiche da cidade, a situação dela e de sua mãe ficaria ainda mais lamentável, já que a cidade se encontrava em decadência e os mantimentos trazidos pelo homem era uma forma de conseguirem sobreviver, ainda que para isso ela tivesse que se trocar sexualmente. Posteriormente em uma conversa entre Alfredo e o Trapicheiro, o jovem Secretário questiona se Cipriano não desembarcou nada de relevante na cidade, no que o Trapicheiro responde:

- Se a vista não me engana, só foi aquele rancho pra casa do velho Aurélio, que a filha do velho Aurélio, a mais velha, faz vivença com o regatão, na passagem dele. Comércio dele, aqui em terra, é só esse neste nosso porto, Secretário. Negócio do barco, ah, é mais é lá pra cima, lá, que tem, quem dera aqui. Aqui? Inda agradeça a Djanira que senão... A não ser, desculpando o gracejo, que se cobre o imposto das dormidas dele com ela (Jurandir, 1978, p.287).

Neste contexto, vale destacar que muitos grupos participam dos sistemas de prostituição, incluindo clientes, empresários, cafetões, cafetinas e até governos. Isso indica que a prostituição deve ser analisada não apenas como um comportamento individual, mas como uma instituição enraizada nas estruturas econômicas e nas mentalidades sociais. Contudo, nesse contexto, há uma falta de transparência em relação ao papel dos homens, enquanto as prostitutas enfrentam o ônus da estigmatização, do desprezo e do confinamento (Faria, Coelho & Moreno, 2013, p.2).

Ademais, a obra ressalta que as prostitutas tem um cemitério exclusivo, que é limpo e mantido por elas mesmas. Neste contexto, quando Alfredo chega na cidade em que será secretário, ele é levado para conhecer os cemitérios do local, são quatro cemitérios, o primeiro em que conhece é o das prostitutas:

- Olhe, Secretário, aqui entre este seu criado e a pessoa do senhor, com o devido respeito, de sua posição não vou abusar, que este zinho cemitério? Tido é como o cemitério das donas que um passo mal pensado deram, por obra da desinfelicidade. Aquelas todas, ah, foi-se o tempo... nesta cidade, naquela alumiação do Gasômetro, ali no Trapiche e largo da Igreja e barracão da Ramada elas só quebrando cada seda, cada fustão, cada cretone, não falo a cambraia, mas nunca afrontando as famílias. Sabiam ser desonradas com todo o respeito, tinham dado aquele passo mas caminhavam como se nunca tivessem dado, na frente do público. Pois bem, sempre deram de enterrar aquelas desassossegadas nesse-um aí. Aí sossegam (Jurandir, 1978, p. 76).

No decorrer da visita de Alfredo ao cemitério, o personagem seu Dó apresenta as mulheres que estão capinando o cemitério ao Secretário, já oferecendo uma delas ao jovem caso lhe ocorresse interesse:

As capinadoras, quatro, não param o serviço, dobradas sobre o chão. Alfredo aproxima-se delas com um tímido boa-tarde. Uma, passando o braço na testa, faz menção de responder, se responde, não se sabe. As três continuam dobradas capinando. A que faz menção suspende a capina para apanhar a cruz tombada, apanha a cruz com um jeitoso respeito, uma intimidade humilde. Olha para Alfredo, como quem perdoa.

- Seu Dó – cochicha o Secretário – quem aquela que ajuntou a cruz?

- É a Justa Zolhuda, Secretário. A Justa. Do agrado do senhor? O senhor carecendo... (Jurandir, 1978, p. 77).

O excerto a seguir, demonstra como aquelas mulheres eram vistas pela sociedade, através do pensamento do Intendente que está inspecionando a obra:

as quatro atacam agora um capinzal maciço. O Intendente contempla. É a sua primeira medida administrativa, sim, senhor, só falta o fotógrafo. Mal assume as rédeas e já trabalhando. Um instante só, quer rir, pensa nos cunhados, que eles vissem esta mina, com quatro putas capinando (Jurandir, 1978, p. 77).

O cemitério exclusivamente destinado às prostitutas é um elemento simbólico e significativo na obra. Esse espaço reflete a marginalização e a desumanização que essas mulheres enfrentam em vida, sendo muitas vezes relegadas a um lugar à parte da sociedade. O cemitério pode ser interpretado como uma representação física da exclusão social e da forma como as prostitutas são vistas como desprezíveis ou indignas de um sepultamento convencional. Essa separação enfatiza o estigma que acompanha a profissão, além de ressaltar a fragilidade da vida dessas mulheres, que muitas vezes são vítimas de violência. Essas mulheres passam por alguns perigos devido o ato da prostituição, como os que Faria, Coelho & Moreno (2013, p.7) destacam:

Os perigos que as mulheres enfrentam são externos e internos. Como perigos externos destacamos a violência sexista (agressões, estupros, assédio sexual), as diferentes formas de prepotência masculina de muitos homens, a exigência de práticas sexuais não desejadas pelas mulheres. Entre os perigos internos destacamos a interiorização que as mulheres fazem da feminilidade tradicional que contribui para que vivam a sexualidade como algo perigoso, que traz o medo de viver os próprios desejos, medo de perder os limites do corpo, medo que suas fantasias não sejam adequadas.

Vale ressaltar ainda que algumas mulheres alimentam a esperança de encontrar pessoas nos cargueiros que as ajudem a sair da pobreza e alcançar uma vida próspera nas cidades, com o desejo de se casarem e serem felizes. Na realidade, há uma chance, ainda que reduzida, de que uma prostituta consiga encontrar um parceiro para o casamento dentro do universo da prostituição (Guedes, 2015, p.12). É o caso da personagem Iná, que vivia uma vida de prostituição, mas nutria esperanças de viver uma vida digna na cidade. A jovem é apresentada na obra por sua mãe, em uma conversa com Alfredo:

A do meio nem bem criou penugem se arraparigou, mas em vez de logo ir e se alotar com as pareceras de ofício lá na cidade de Belém, aí femeando coberta de cetim fazendo seus cabedais, não. Preferiu, vadiação dela é só aí no Coche, axi. Só agora, gaiola que se atreva encostar no Trapiche, lá vai essa mea filha de cara mais lambida, pirangando passagem, vapor de riba ou de baixo, Manaus Santarém Belém, nunca dão (Jurandir, 1978, p. 320).

A mãe de Iná conta a dramática história em que a filha vivenciou. A jovem criou esperanças de uma mudança de vida através da promessa feita por um praça que trabalhou por um tempo em Ribanceira:

Um praça pra cá destacado, indo se embora de volta, encabeçou que levava porque levava ela com ele, não te deixo nesse Coche, me entregue sua filha, D. Sensata, vá só escutando, te cobrir de ouro e seda não está nas meas posses mas uma barraca de sala assoalhada na Rua da Conceição te consigo te dou meu pouco nome mas serve te levo domingo no meu padrinho capitão Boanerge e coisa e tal muito que bem, vamos, pois vamos, lacrado e jurado mas tem uma: te espero lá a bordo, me jura que vais? De bagagem só carece a roupa do corpo, lá em Belém te visto te calço te enfeito te ponho mobília na boca (Jurandir, 1978, p. 320-321).

Iná, cheia de alegria e expectativas com a proposta feita pelo praça, se despede de todos os moradores de Ribanceira, desfaz inimizades e arruma seus poucos pertences para partir do local em decadência, abandonar a vida de prostituição e viver dignamente em Belém. Porém no momento de sua partida, o homem que prometeu leva-la com ele não aparece, deixando Iná em uma situação desolada:

No Trapiche foi que foi de repente aquela carga d'água aquela tarde, e o praça? Toca ela já toda encharcada atrás do praça, já de pé no chão, me vigie, por enquanto, este sapato, seu Seruaia, mas o baú? Baú da comadre Nhá Barbra não desgruda da mão dela. Trapicheiro, não viu ele? Soares! E todo o tempo em que o escrivão de bordo foi no Telégrafo e voltou, se arredar de dentro do navio quem disse, aqui de dentro não saio, Soares! Soares! Precisou tirarem de bordo ela e baú na munheca do marinheiro. Lá eivém vindo de volta, desfazendo a despedida, trazendo de volta os adeuses, pedidos e malquerenças, atrás dela o velho Seruaia no préstimo de carregar o baú nas costas como se carregasse a cruz, os dois comendo chuva, o Maestro tocando lá nas Seruiais, com o pé, que Bernarda escaldava, no alguidar. Agora o senhor aprecie, o Lobão já no largo, já passando pelo Forte, pois de lá do confim da popa dando adeus com o quepe, adivinhe quem, quem mais? O cadelo (Jurandir, 1978, p. 322).

Dessa forma, é possível concluir que Dalcídio Jurandir expõe não apenas a realidade dura enfrentada pelas mulheres envolvidas na prostituição, mas também provoca uma reflexão crítica sobre a hipocrisia social e as injustiças que sustentam essa prática. Além disso, Dalcídio retrata as mulheres não apenas como vítimas, mas como indivíduos que buscam autonomia em um contexto adverso, revelando suas motivações, anseios e sofrimentos. Através desta obra o autor sugere que a prostituição é um reflexo das desigualdades sociais sempre presentes na sociedade. Assim, Djanira, Justa Zolhuda e Iná são modelos de mulheres que vivenciam, ainda na contemporaneidade, o ato da prostituição, não apenas como uma escolha de profissão, mas como forma de sobrevivência, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais empática e

compreensiva, que vá além da condenação moral, enfatizando a importância de políticas sociais que promovam a inclusão e o respeito à vida dessas mulheres.

A prostituição é um fenômeno social complexo que permeia a sociedade brasileira, refletindo questões culturais, econômicas e políticas. No Brasil, a atividade não é ilegal, mas sua regulamentação e as condições enfrentadas por profissionais do sexo levantam debates sobre direitos humanos, saúde pública e moralidade. Neste contexto, com uma população diversificada e uma história marcada por desigualdades, o país apresenta um cenário onde a prostituição é tanto uma escolha quanto uma necessidade para muitos, evidenciando a ligação entre vulnerabilidade social e a busca por autonomia. Neste cenário, a prostituição tem raízes que remontam à época colonial, quando as mulheres indígenas e africanas foram frequentemente exploradas sexualmente pelos colonizadores. Sobre o tema em questão, Levy e Mendonça (2022, p. 207) enfatizam que:

Da mesma forma que a mulher escrava no contexto estadunidense, a escrava negra e indígena amazônica sentiu de maneira dúplice a violência sobre seu corpo e, mesmo hoje, suas descendentes sentem o que significa ser-mulher em uma zona de conflito demarcada pelos resquícios do colonialismo e da economia da borracha. Sendo assim, em que pese a estrutura da sociedade colonial ter sido moldada sob a égide do discurso da “conquista”, o fenômeno não se limitou à dominação das terras, mas se expandiu aos corpos femininos, também colonizados e subjugados a objetos sexuais declarados, sempre à disposição das exigências de um universo masculino e colonialista.

No que se trata da região amazônica, caracterizada por um cenário de grande diversidade étnica e social, esta área do Brasil enfrentou desafios únicos, como a migração, a exploração de recursos naturais e a desigualdade socioeconômica. Dessa feita, em áreas urbanas e rurais, a prostituição muitas vezes surge como uma alternativa econômica para mulheres, refletindo tanto a busca por renda quanto a vulnerabilidade a abusos e exploração. Neste cenário, a chegada de homens em busca de trabalho e a escassez de mulheres na região contribuíram para o aumento da prostituição. Muitas mulheres, incluindo indígenas e migrantes, se envolveram nessa atividade em busca de sobrevivência. Visto que a prostituição, muitas vezes, era vista como uma forma de resistência e sobrevivência para muitas mulheres, que enfrentavam a pobreza e a exclusão social:

No caso das mulheres de comunidades ribeirinhas na ilha do Marajó, estão inseridas em um locus que apresenta diversos conflitos, provenientes de problemas históricos que acometem uma região de abolição da escravidão tardia. Estas adversidades refletem até hoje nos descendentes de seu povo nativo, através de dificuldades relacionadas às questões econômicas e à precária ou ausente perspectiva de garantia de serviços públicos básicos (Levy e Mendonça, 2022, p.206).

Foram expostas nesta abordagem algumas temáticas vivenciadas por personagens de *Ribanceira*. Violências, diferentes explorações e prostituição são algumas das mazelas que certas mulheres da obra vivenciaram. Entendemos ser importante ressaltar que tais práticas,

para além da ficção, fazem parte da realidade de diversas mulheres na atualidade. Portanto, é evidente que apesar dos recentes direitos, liberdades e igualdades conquistados pelo sexo feminino, ainda há pelo menos dois fatores que necessitam serem postos em prática pela sociedade em geral: respeito e segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a vida das mulheres seja em meio fictício ou real sempre foi marcada por lutas, tentativas de igualdade de direitos e busca por respeito. A mulher, no século XX, já estava em uma posição bem mais elevada do que as mulheres de momentos anteriores, tendo em vista que nos dois últimos séculos as mulheres alcançaram diversas posições anteriormente a elas negadas. Dessa feita, tanto na literatura, quanto na realidade, as mulheres evoluíram, obtiveram conquistas significativas. Essa realidade não exclui as variadas lutas que muitas enfrentam na atualidade, visto ser ainda assustador o número de mulheres que sofrem algum tipo de violência e opressão.

Dalcídio Jurandir, através de suas obras literárias, discorreu algumas das violências nas quais as mulheres sofriam, utilizando, para isso, a figura das personagens femininas. Dentre as violências citadas em *Ribanceira*, e muito recorrente na atualidade, está a violência doméstica que assola a vida de milhares de mulheres e nos comunica que o mal sofrido pelo sexo feminino em décadas anteriores ainda é muito comum, ainda que existam leis que amparem as mulheres, o índice de violência doméstica no Brasil é muito alto. Além disso, na obra também encontramos um caso de violência sexual, em que uma personagem é estuprada. Infelizmente, este fator também não morre na década em que Jurandir escreveu ou publicou a obra, tendo em vista que há diversos casos de violência sexual na contemporaneidade. Estes fatores nos revelam o quanto ainda é árdua a luta da mulher em busca de respeito e segurança.

Ademais, as violências encontradas na obra em destaque continuam. Existe também uma violência mencionada que tristemente afeta a vida de milhares de meninas no Brasil – a exploração sexual. Violência triste por pelo menos dois fatores: o primeiro refere-se ao fato de que as vítimas de exploração sexual tem parte de sua infância ou adolescência brutalmente afetadas em decorrência da precoce entrada na vida sexual, visto que isso acarreta alguns déficits na saúde física e mental dessas meninas; outro ponto lamentável é a pobreza extrema das famílias que, muitas vezes, se encontram na condição de venderem ou trocarem as filhas em busca de uma alternativa desesperada de sobrevivência.

Outrossim, há também um fator destacado em *Ribanceira* que faz parte da vida de diversas mulheres no Brasil – a prostituição. Vale destacar que a maioria das mulheres que

vivenciam essa prática, também encontram nela um meio de sobrevivência. Tendo em vista que em uma tentativa desesperada de manter a si e a família somada com a escassez do mercado de trabalho, algumas optam pela prostituição. É o caso de algumas personagens na ficção de Dalcídio, é o caso de diversas mulheres na realidade atual.

Em suma, a análise da figura feminina aqui abordada, revela não apenas uma luta por reconhecimento e igualdade, mas também um rico campo de representação literária que desafiou os rótulos dos séculos anteriores. As vozes de autoras e personagens desse período moldaram uma nova compreensão da feminilidade, influenciando as narrativas que conhecemos hoje. Este reconhecimento da complexidade e diversidade da experiência feminina é crucial, pois nos ajuda a entender não apenas as conquistas do passado, mas também as persistentes lutas por direitos, reconhecimento e respeito que as mulheres enfrentam na atualidade. Assim, é essencial continuar explorando e debatendo essas questões, promovendo um diálogo contínuo entre história, literatura e a condição feminina.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: HORIZONTE, 2012.
- FAGUNDES, Lygia Telles. Mulher, Mulheres. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 560-562.
- FURTADO, Marlí Tereza. O espaço degradado da Amazônia em Ribanceira de Dalcídio Jurandir. **TOPUS**, 6 (1), jan/jun 2020.
- FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 2002. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. São Paulo, 2002.
- GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. **Revista Diadorim** Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, julho 2013.
- GOMES, Sérgio da Silva. Preconceito e Discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2010, 30(3) 556-571.
- GUEDES, Leonildo Nazareno do Amaral. “Balseiras”, na imensidão fluvial: uma etnografia sobre relações comerciais e amorosas pelo rio Tajapuru (Marajó das Florestas-PA). Reunião Equatorial de Antropologia (REA); Associação Brasileira de Antropólogos Norte e Nordeste (ABANNE), 5.; 14., 2015, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: UFAL, 2015. p. 1-16. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt34_I.php. Acesso em: 08 de janeiro. 2025.
- JURANDIR, Dalcídio. Ribanceira. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2020.

LEVY, Beatriz Figueiredo; MENDONÇA, Ygor de Siqueira Mendes. Meninas “Balseiras”: a mercantilização dos corpos femininos na ilha do Marajó. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, n. 13, p. 200-212, 2022.

OLIVEIRA, Alinnie Andrade santos. **A Figuração da Mulher em Dalcídio Jurandir**: entre o desamparo, a opressão e a transgressão. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

OLIVEIRA, Francisca Magnólia. **Tereza Batista Cansada de Guerra**: A resistência à violência e à opressão feminina. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, - 3. ed. atual e ampl., 1, reimpr. – Brasília, 2012.

RIBEIRO, Gláucia Starling Diniz; PEREIRA, Fábio Angelim. Violência Doméstica – Por que é tão difícil lidar com ela? **Revista de Psicologia da UNESP**, (2,1), p. 20-35), 2003)

SILVA, Edilson Pantoja da. Filosofia e Reportagem em Ribanceira: considerações sobre o desviver na Amazônia de Dalcídio Jurandir. *Amazôn.*, **Rev. Antropol.** (Online) 7 (2): p. 428-454, 2015.

SOUZA, Cecília de Mello; ADESSE, Leila. **Violência sexual no Brasil**: perspectivas e desafios. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 188p.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Pará
Sistema de Bibliotecas

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor(a): Elinara Sousa da Silva

Afiliação do(a) autor(a): Universidade Federal do Pará

CPF: 024.127.282-32

Matrícula: 201902840006 Telefone: (93)991504785 E-mail: elinaradasilva001@gmail.com

Curso/Programa: Letras – Português

Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias

Coorientador(a):

Título/Subtítulo: Uma reflexão sobre violência doméstica, estupro, exploração sexual e prostituição em *Ribanceira*, de Dalcídio Jurandir

Data da Defesa: 23/05/2025

Tipo do documento: (x) TCC¹ () TCCE² () Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro () Capítulo de livro () Trabalho Apresentado em evento () Outro:

Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente: Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940; Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;

Do Regimento Interno da Universidade Federal do Pará;

Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação; Da utilização da licença pública internacional *Creative Commons 4.0*;

Que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de idéias, textos, tabelas ou ilustrações transcritos de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial.

-
- 1 Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
 - 2 Trabalho de Conclusão de Especialização



TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NO PORTAL INSTITUCIONAL DE ACESSO ABERTO DA UFPA

1. **Tipo de documento:** (x) TCC³ () TCCE⁴ () Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro () Capítulo de Livro () Trabalho Apresentado em evento () Outro:

2. Informações sobre a obra:

Autor(a): Elinara Sousa da Silva

RG: 7694250 CPF: 024.127.282-32 E-mail: elinaradasilva001@gmail.com

Telefone: (9 3)991504785

Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias

Coorientador(a):

Título do documento: Uma reflexão sobre violência doméstica, estupro, exploração sexual e prostituição em *Ribanceira*, de Dalcídio Jurandir.

Data da defesa: 23/05/2025 Área do Conhecimento (tabela do CNPq): Personagens Literários

Área de Concentração (*Se Tese ou Dissertação*):

Linha de Pesquisa (*Se Tese ou Dissertação*):

Agência de Fomento (*se houver*):

3. Informação de disponibilização do documento:

Restrição para publicação: () Com restrição* (x) Sem restrição

Justificativa com restrição:

A partir de qual data esse documento poderá ser disponibilizado: 03/06/2025

4. Permissões⁵

Permite o uso comercial da obra? () Sim (x) Não

Permite modificações na obra? () Sim (x) Não

O documento está sujeito a patentes? (x) Sim () Não

5. T&D defendidas fora da instituição

É Tese ou Dissertação defendida fora da UFPA? () Sim (x) Não

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9.610/98, autorizo a Universidade Federal do Pará (UFPA), a disponibilizar sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinaladas acima, o documento em meio eletrônico, em formato digital, na Rede Mundial de Computadores e nas redes sociais, para fins de leitura, impressão ou download, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPA, a partir desta data.

Altamira (03/06/2025)

Local e Data

- 3 Trabalho de Conclusão de Curso em Graduação
- 4 Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização
- 5 *Licença Creative Commons*

* Não será disponibilizado, somente após a data informada neste termo, se houver



Documento assinado digitalmente

ELINARA SOUSA DA SILVA

Data: 03/06/2025 10:14:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do(a) autor(a)